

DANÇA INTEGRATIVA: POR UMA EDUCAÇÃO DO BEM-ESTAR COM BASE NA FILOSOFIA DE MATRIZ AFRICANA

*Integrative Dance: for an education of well-being based on the african matrix
philosophy*

SOUZA, José Henrique de Souza¹, & Leonido, Levi²

Resumo

O Objetivo deste trabalho é tecer reflexões no campo Pedagógico Metodológico arraigado numa educação eurocêntrica e centralizadora Oriental e Ocidental. Com autores que propõe exercícios que dá visibilidade na Educação em geral, sobretudo pesquisas africanas e afrodiáspóricas. As Práticas Corporais busca equidade afroperspectivista através da Etnomatemática ao materializar um mapa oracular vital da data de nascimento como fio condutor na abordagem transdisciplinar de elementos arquetípicos e topológicos de Odus em Dança Integrativa, da técnica ampliada na teoria de movimento de Rudolf Laban.

Abstract

The objective of this work is to weave reflections in the Methodological Pedagogical field rooted in a eurocentric and centralizing Eastern and Western education. With authors proposing exercises which gives visibility to Education in general, especially African and aphrodiasporic research. Body Practices seeks afroperspectivist equity through Ethnomathematics when materializing a vital oracular map of the date of birth as the guiding thread in the transdisciplinary approach of archetypal and topological elements of Odus in Integrative Dance, of the expanded technique in Rudolf Laban's theory of movement.

Palavras-chave: Odu; *Etnomatemática; Filosofia Africana; Dança Integrativa.*

Key-words: Odu; *Etnomatematic; African Philosophia; Dance Integrative.*

Data de submissão: fevereiro de 2020 | **Data de publicação:** junho de 2020.

¹ JOSÉ HENRIQUE DE SOUZA – Ebomy Ti Osala- Doutorando UTAD- PT (Dançaterapeuta/ Mestre em Educação FE-Unicamp/ Pós Graduação: em Psicologia Junguiana FCM/Unicamp; Em Deficiência Intelectual e Saúde Mental), BRASIL. E-mail: hcdiversidades.unicampfe@gmail.com

² LEVI LEONIDO FERNANDES DA SILVA – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro | Centro de Investigação em Ciências e Tecnologias das Artes da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, PORTUGAL. E-mail: levileon@utad.pt

INTRODUÇÃO

A Cosmovisão da Tradição africana do Candomblé situa o olhar desde primórdios que o homem anseia de forma vigorosa algo em si mesmo, ou seja, indagações e inquietações advindas de sua origem. Na verdade, há milhões de anos o homem busca incansavelmente uma luz no final do túnel ou uma tábua de salvação. Algo em si mesmo, ou seja, respostas intrínsecas á sua origem, seus mestres e mentores.

O ser humano deve encontrar um substrato do mito que faça a ligação com sua vivência aqui na terra. Este autor propõe que os mitos se dividem em quatro funções: a *mística* (dimensão do mistério); a *dimensão cosmológica* (é a forma, á qual a ciência se ocupa mostrando as universais suscetíveis respostas); a *sociológica* (trabalha com o apoio de validação substancial dentre a variação de lugar dos mitos. Focando determinantes éticos e última função, que é a *pedagógica* (é a que os mitos reeducam na vida, a ter uma vivência sob qualquer caminho e direção) (Campbell, 1990).

Na Filosofia de Matriz Africana de Tradições e Terreiros³ de Candomblé existe a concepção que por meio da consulta de búzios, é reconhecido a cada pessoa o seu orixá e de quebra o consulente fica sabendo do seu Odu⁴ de Nascimento. “Acredita-se que características míticas dos orixás são transmitidas arquetipicamente aos seus filhos” (Prandi, 1996, p. 98). Não pretendemos nesse ensaio curto de caráter introdutório adentrar de forma mais profunda nesse tema do jogo de búzio e Odus, pois atualmente há diversos trabalhos que têm discorrido sobre este tema especificamente. Entretanto, cabe agora apenas identificar de forma bem sintética aos leitores que o jogo é composto de 16 Búzios, conhecido também como Cawris, cada Búzio, representa um Orixá distinto. O conjunto de dezasseis búzios, chama-se em Yorubá MERINDILOGUN o que significa o número 16 assim: MERIN = 4 OGUN = 20 DIN = MENOS, PORTANTO 20 – 4 = 16.

No Candomblé não tem enquadramento sem antes consultar os Orixás por meio do Oráculo, das mãos do babalorixá.

³ O espaço onde se realizam as práticas litúrgicas das religiões de matrizes africanas é denominado, de maneira geral, como TERREIRO. A construção se divide em um grande salão/barracão para cerimônias públicas e os quartos ou casas dos santos para cerimônias privadas (Gomberg, 2011, p. 90).

⁴ No jogo, cada combinação de búzios abertos e fechados corresponde a um Odu. Para cada Odu o sacerdote conhece de cor um número de lendas (Itans) em forma de poema (Prandi, 1996).

Há, no entanto, outro Sistema que é o Oráculo de Orumilá ou jogo de Opelê-Ifá, os Odu são divididos em dezesseis Odu principais, que combinados formam 256, cada um representando um caminho de decifração através de suas lendas específicas e um trabalho religioso/ espiritual numa perspectiva Filosófica Africana dos sacerdotes de Orunmilá, chamados de Babalaôs (Prandi, 1996).

Primeiro Passo

Sendo assim, ambos os sistemas Youruba Merindilogun e Ifá são bem precisos para enunciar problemas “de ordem físico, mente, espiritual ou em geral” nos Mitos Africano pelos Odu que o jogo sinaliza. “Estes vão influenciar diretamente em nosso destino. Os Odus paridores, ou de nascimento, vão delinear como será a nossa vida, num aspecto global, mostrando possibilidades, índoles, sorte, saúde e, às vezes afetividade” (Barcellos, 2002, pp. 17-18).

Há os que dominam, os que traem, os que perdoam, os que são capazes de estabelecer a justiça, os que jamais se aborrecem. Há os que juntam e os que dividem, os que constroem e os que recuam. Sexo, riqueza, fertilidade, saúde, são problemas presentes nos mitos contados pelos Odus que o jogo indica (Prandi, 1996, p. 98).

O professor e pesquisador R. Prandi, se refere aos Mitos da Filosofia de Matriz Africana, afirmando que para os Youruba Odu significa destino. Vemos a importância do aluno de dança, o professor e o dançarino se alimentarem desses saberes das lendas e histórias da relação entre os Mitos da Filosofia Africana e a saúde, a cultura, a arte e religião, e entender como se dá, esse processo criativo de exploração dos movimentos corporais de Dança de cada Orixá quando está dançando no salão de um barracão de Candomblé. Perceber os movimentos corporais dos Orixás na sala de um barracão em níveis diferentes é condicionar sua mente na sala de dança e repassar os gestos, a musculatura, o sangue, o suor, para utilizar em sua preparação corporal. Os elementos contidos nas lendas ou como são chamadas pelos os Youruba de ITANS, podem ser elementos interpretados na representação simbólica na dança de cada Orixá. São células que podem ser reelaboradas performaticamente durante um processo criativo, far-se-á necessário frisar que a Dança Africana e ou Dança dos orixás de Tradição de Terreiros de Matriz Africana é uma linguagem que dialoga o tempo todo com as efetivas adversidades da interculturalidade, não há fruição do corpo com a visão globalizada eurocêntrica e, jamais e nem corporificar uma educação artística desigual epistêmica.

Segundo Passo

A África pós-colonial é um encaixe de formas, signos e linguagens. Essas “formas, signos e linguagens são a expressão do trabalho de um mundo que busca existir por si mesmo” (Mbembe, 2019, p. 208).

Chamo à baila nesse passo e compasso sem pretender alongar essa discussão embora haja trabalhos diversos neste sentido, no entanto neste ensaio de investigação de Arte / Religião, faz -se profícuo espaço para um debate que denota indícios de um descompasso da elite centrada em seus poderes ao conduzir pessoas de diferentes classes sociais mas sobretudo o povo negro mundializado, oprimido numa educação EUROCÊNTRICA, que busca a desterritorialização da Filosofia Africana antes e depois da escravidão no mundo.

...é preciso trabalhar com a Filosofia Africana. Os trabalhos Filosóficos ocidentais parecem não ter essas questões no centro de suas pesquisas. O que reitera que as linhas e escolas filosóficas Européias e Estadunidenses não respondam adequadamente aos nossos propósitos, principalmente no que diz respeito à diversidade epistêmica como subsídio para educação (Noguera,2012, p.63).

A tentativa de eliminar a África dos anais da história não dependeu apenas do preconceito acadêmico contra as fontes orais e da alegação da não existência de sistemas de escrita na África. Baseou-se também da própria definição da civilização. Para o eurocentrismo, as civilizações humanas se dividem em duas categorias: a Ocidental e a Oriental (Nascimento, 1994).

É necessário refletir que há uma desigualdade epistêmica, que no ambiente de práticas Educacionais especialmente na arte a Dança sofra escassez na literatura de autores negros que escreva sobre a Dança Africana ou dos Orixás. E ainda, são poucos dançarinos (as) negros (as) que tenha em seu trabalho corporal extratos ancestrais e ou de antepassados de Cultura de Matriz Africana que seja divulgado, por exemplo: No Brasil há Universidades públicas que oferecem curso de Bacharelado e a licenciatura em Dança no ensino superior e Pós Graduação “*Stricto Sensu*”, no entanto em feiras e livrarias da própria Universidade há raríssimos exemplares das pesquisas elaboradas com esse tema de pano de fundo *Filosofia Africana* e sobretudo o fio condutor da “educação somática”, em saúde/religião.

Portanto, acreditamos numa transdisciplinaridade no ambiente da Educação em geral almejando um planejamento pedagógico que busque a pluridiversidade curricular e a potencialidade da Filosofia afroperspectivista “A transdisciplinaridade repousa sobre uma atitude aberta, de respeito mútuo e mesmo humilde, com relação a mitos, religiões e sistemas de explicações e conhecimentos (D’Ambrósio, 1994, p. 3). Sabemos que há uma limitação em algumas grades pedagógicas em curso de dança em que não ultrapassa as linhas de forças, o interessado é que precisa buscar saberes na Filosofia de Matriz Africana teórico-prático.

Na grade curricular em cursos de Dança não é diferente a questão. “A necessidade de ser trabalhar a multidimensionalidade humana a partir de estratégias...que envolva os aspectos míticos, mágico, afetivo, as múltiplas linguagens que dão sentido e significado a condição humana” (Morães, 2010, p. 5). Acontece que junto com o tráfico se praticou uma guerra cultural contra o negro que, ainda nos dias atuais, permanece, renascendo de mil formas. Por guerra cultural entendemos aquela feita por palavras, preconceitos, símbolos, insinuações, discriminações, humilhações. Enquanto as armas materiais amedrontam os corpos e às vezes os ferem e matam, as armas culturais penetram no próprio cerne social em que os corpos se movem, ferem as mentes e as ideias, se transmitem quase automaticamente por gerações e envenenam o relacionamento humano de forma duradoura (Silva, 1994) “O complexo de *vira -latas* - a imagem depreciativa que nós, brasileiros, fazemos de nós mesmos e o nosso renitente narcisismo às avessas —é coetâneo do nascimento do Brasil” (Giannetti, 2018, p. 13).

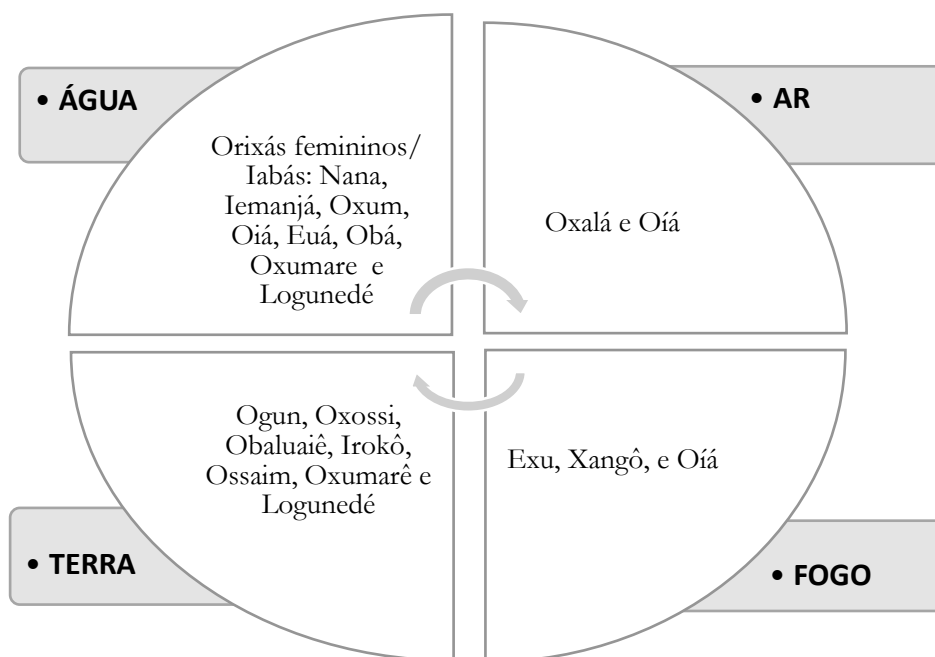
Os primeiros filhos de portugueses nascidos na terra de Santa Cruz, quase todos frutos de relações fortuitas entre conquistadores e Índias nativas ou escravas africanas importadas em maior número a partir de meados do século XVI, sentiam vergonha de ser quem eram. Quem eram esses primeiros rebentos do caldeirão étnico brasileiro, filhos de ocupantes e ocupados? A rigor, eles não se chamavam “brasileiros” ainda. Até por volta do final do século XVII e mesmo início do XVIII, o termo “brasileiro” não era empregado no sentido hoje corrente, ou seja, como expressão e afirmação de uma nacionalidade, mas tinha significados bem diversos (Giannetti, 2018, p. 13).

Terceiro Passo

Há emergências e urgências de Educação Somática na atualidade, que a Filosofia de Matriz de Cultura africana podem amenizar o “complexo de *vira latas*”, vigente desde o século XVI, que é transcender sua Mitologia Pessoal, “mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana” (Campbell, 1990, p. 17).

E o Candomblé é o berço que potencializa os destinos por meio de Terreiros e Tradições de Matriz Africana e, é definido como uma demonstração religiosa efetiva a partir de uma ressignificação de olhares de universo e de ethos a partir das diversas etnias africanas que, iniciaram do século XVI, foram sequestradas para o Brasil. Posteriormente no século XVIII que esta atribuição vai ser aplicada aos grupos organizados e espacialmente localizados (Bastide, 2001; Verger, 1981; Santos, 1988; Gomberg, 2011) “a prática dos cultos afro-brasileiros expressa uma dimensão mais ampla do que só a relação indivíduo aprendizagem- grupo social. A dimensão simbólica que se instaura neste universo é cheia de significados” (Zacharias, 1998, p. 64).

Para os adeptos e simpatizantes das religiões afro – brasileiras, a religião é, muitas das vezes ,percebida como um conjunto de práticas tidas como eficazes não só para explicar sua própria existência, como também para torná-la mais suportável frente as questões de várias ordens, o que inclui a manutenção da saúde física e espiritual e sua recuperação quando se instalam as doenças...a consciência corporal é desenvolvida através do equilíbrio entre o corpo e as forças da natureza e que o acionamento de obrigações tem uma funcionalidade primordial neste objetivo – saúde/equilíbrio. Desta forma, é válida para fins de apreensão do processo saúde-doença ter uma visão sobre a relação entre o sujeito e seu orixá através de elementos naturais. Sendo que uma divindade pode se relacionar com mais de um elemento, ou seja (Gomberg, 2011, pp. 64-65).



Quadro 1. – Adaptação (elaboração própria) de Gomberg (2011, pp. 64-65).

A Religião afro-brasileira entende que o indivíduo possui Odu. Estes possuem suas próprias características que por sua vez, rege seus respectivos Orixás e aos homens. O indivíduo possui Odus que regem a sua personalidade desde seu nascimento, aflorando ainda mais durante o processo de individuação a partir dos três anos de vida. “Significa a busca de uma realização plena de potencialidades inatas no ser humano, todo ser humano tem dentro de si essa possibilidade a diferenciar-se do coletivo” (Zimmermann, 2009, p. 115).

É necessário perceber que a partir desta junção Orixá/elemento natural é atrelado as lendas mitológicas, os elementos de adoração e a maneira de refletir e de agir de um indivíduo, principalmente na organização de um sistema esquemático de doenças e constituições corporais já que neste sistema religioso o corpo é, especificamente, a casa dos orixás, ou seja, estas divindades apontam a predisposição para determinadas doenças, caso os indivíduos “não cuidem de suas cabeças” (Gomberg, 2011). O sistema do Candomblé de Terreiros e Tradições de Matriz africana “oferece este mapa, proporcionando sentido e significado ao complexo, através de seus mitos, símbolos e rituais da prática religiosa” (Zacharias, 1998, p. 79). O homem é um ser cosmológico único. Possuidor de uma ancestralidade vital Orixá/Odu que o singulariza face à qual coletividade que pertença. Assim, toda ritualística de procedimentos voltados a saúde dessa pessoa terá uma especificidade indivisível e invisível (Silveira, 2014).

O fator espiritual é um fato humano que interfere em seu esquema esquelético, genético, fisiológico e até a linguagem. Para este autor e cientista das religiões, o fator espiritual preponderante a esse homem que independe da sua fisiologia, situação econômica e ou social. Ele alerta apesar desses condicionantes, o fator espiritual não se esgota. E o homem entende sobre o seu ritmo temporal e a sua historicidade fisiológica. Propõe basta ouvir uma boa música, enamorar-se, ou orar para sair do presente histórico e o amor e a religião uma grande dádiva. Pode talvez, ler um romance ou até assistir um espetáculo dramático para reintegrar o seu ritmo temporal, pois sua existência no planeta depende de sua historicidade e consciência integra assim, concordamos com (Eliade, 1979). Devemos lembrar nossos leitores ávidos pela interdisciplinaridade que a obra “Imagens e Símbolos”, foi editada em 1952 e já estava sendo a todo vapor acontecendo os estudos sobre o cérebro, memória, cognição e efeitos extraordinários para o corpo, no entanto a primeira associação de Neurociência surge na década de setenta do século passado, ou seja, nove anos depois foi editada a primeira edição aqui em Portugal.

E hoje, 29 de março de 2020 domingo as 15:17 horário de verão em Vila Real - PT. No isolamento social no escritório em casa, devido a Pandemia do Corana Vírus (SARS-COVID-2) que assola o mundo com inúmeros óbitos sem precedentes como: Itália, Espanha, Estados Unidos e outros. Quiçá o Reino Unido pela demora das ações para incutir o isolamento social... a hipótese que tenhamos de fato novos olhares, novos saberes de inclusão como por exemplo os saberes populares, saberes afrodiaspórico e indígenas que lançam pistas, em que a cura esta na natureza nas *folhas e ou animais* “as sociedades humanas encontram-se previsivelmente fragmentadascomo literacia, nível de habilitações, comportamento cívico, aspirações espirituais, liberdade de expressão, acesso à justiça, estatuto econômico, saúde e segurança ambiental”(Damásio,2019,p.292).

Elíade, propõe olhar o seu texto “Psicologia e História das Religiões”, para a disciplina de Neurociência contemporânea e perceber os efeitos biológicos no homem ao entrar em contato com a Arte quando o mesmo se encontra num histórico em baixa imunidade espiritual. “A Transdisciplinaridade leva o indivíduo a tomar a consciência da essencialidade do outro e da sua inserção na realidade social, natural, planetária e cósmica” (D’ Ambrósio, 1994, p.2).

A Etnomatemática e a Transdisciplinaridade no Mapa Vital Oracular em Dança Integrativa

A partir da própria evolução conceitual da palavra em nosso tempo Etnomatemática de acordo com a palavra *etno* entre outros saberes têm sua ligação aos Mitos, simbologias e arquétipos; *matema* designa os saberes de uma pedagogia, educação corporal, que transcende; e *tica* indubitável *techne* que é um formidável talento de buscar saberes complexos com minúcias de procedimentos (D’ambrósio 1998).

Somos assim levados a identificar técnicas ou mesmo habilidades e práticas utilizadas por distintos grupos culturais na sua busca de explicar, de conhecer, de entender o mundo que os cerca, a realidade a eles sensível e de manejar essa realidade. (D’Ambrósio, 1998, p. 6).

Pensamos que ao usar a técnica e arte da Etnomatemática, o resultado da soma traz um significado na psique do indivíduo, dado os elementos e orixás que flui a partir das lendas, arquétipos e sua ancestralidade. Diante dessa vibração, o pretendido é restabelecer a comunicação com os antepassados e a terra mãe. Ao reelaborar um gesto é arte, esse ato provoca um processo de hibridismo no dançarino.

Esse fenômeno é a consciência corporal do indivíduo em busca da harmonização de sua essencialidade, “é a essência do estar vivo. (...) Realidade que informa o indivíduo que a processa e executa uma ação que modifica a realidade que informa o indivíduo” (D’mbrósio, 1997, p. 27). Essência destino ou ancestralidade? sente e não sabe o que é! O corpo precisa despir, para um novo olhar e transcender?

Pedagogia do Mapa Vital Oracular I- Odus / Elementos / Qualidades: para abordagens de elementos em técnica ampliada para práticas corporais em estudos da Teoria do Movimento de Laban:

Okanran – fogo **indisciplina** / Eji-oco- ar- **incerteza** / Etá-Ogundá- terra **-persistência**
Irossum – terra - **tranquilidade** / Oxé – água **luminosidade** / Obará- **prosperidade**- fogo
Odi -fogo- **brutalidade** / Eji-Oníle- **insegurança**- terra / Ossá- **perturbação mental**- ar
Ofun- ar – **enfermidade** / Owanrim- fogo- **rapidez** / eji-laxeborá- fogo - **justiça**
eji-ologbon-terra – **reflexão** / Iká-Ori – água- **sapiência** / Ogbé-Ogundá- **sensatez**- água
Aláfia- ar – **paz**.

Os Odus são os responsáveis diretos pelos destinos dos homens e do mundo que o cerca, considerados sábios siderais que na cosmologia afro participaram da criação do planeta. Cada Orixá tem seu destino determinado pelo seu Odu-Regente, organizado de tal forma, que segue um sistema um processo: Criador / Criação/ Produto final, tornando teoricamente o nascimento de tudo em volta do homem de acordo com (Barcellos,2002).

Os elementos, 16 Odus que perfaz 256, Orixás, a Cosmologia, oferendas, qualidades em Tradições de Matriz Africana pode ser analisado pela qualidade dos movimentos na COREÚTICA e analisados na dimensão espacial dos movimentos

Coreosofia significa, literalmente, o estudo do saber e/ou sabedoria e/ou conhecimento da dança. A coreosofia situa e trata do conhecimento e do papel da dança, seja social, teatral ou religioso, desde a pre-história até os dias atuais. A coreosofia engloba também, a corêutica, a eukinetica e a kinetografia e se inter-relaciona com a coreologia (Rengel, 2001, p. 41).

PEDAGOGIA DO MAPA VITAL ORACULAR II***Sistema Oracular de Signos de Odus e Orixás da Tradição Yorubá***

ODUS		ORIXÁS
1.	Okaran	Exu
2.	Ejí-Okô	Ogun - Ibejis, Oxalufan
3.	Etá – Ogundá	Obaluaê Ogun
4.	Irossun	Iemanjá ⁵ [Oxossi, Iansã, Egun]
5.	Oxé	Oxum [Yemanjá – Ogun – as vezes Omulu]
6.	Obará	Oxossi, Xangô, Logun Edé [Exu Ewá as vezes Ori]
7.	Odi	Oxalá, Omolu [Ogun – Oxaguiã]
8.	Eji-Oníle	Oxaguiã [Exu – Oxossi –Obaluaiê – Ogun]
9.	Ossá	Iemanjá, Iansã [Xangô Aganju - Obaluaiê]
10.	Ofun	Oxalá [Yemanjá – Xangô Agodô]
11.	Owanrin	Iansã, Exu
12.	Eji – laxeborá	Xangô [Yemanjá]
13.	Eji - Ologbon	Nanã, Omulu [Oxumarê – Ossaim e Ibejis]
14.	Iká-Ori	Oxumarê, Ewá [Ossaim – Exu – Iansã – Ogun]
15.	Ogbé - Ogundá	Ossaim, Iroko [Despachar Egun - Ewá – Obá]
16.	Alafíá	Os Oxalás – Orumilá (todos Oxalás)

Fonte: Barcellos (2002, p. 17) e Rocha (2003, p. 173).

No campo espiritual para os “consulentes e filhos de santo”, esse autor afirma que, cada pessoa é um ser único e exclusivo no Universo. Ela tem sua Orixalidade e ancestralidade que a coloca numa posição única e privilegiada. Assim, faz cumprir ritos, oferendas, rezas, orientações e um enquadramento específico a esse indivíduo. Cada pessoa precisa ser investigada para ter -se um diagnóstico e criar uma fórmula somente através do jogo de Búzios e saber seus Odus/Orixás (Silveira, 2014).

⁵ Prandi, R. Caminhos de Odu: os odus do jogo de búzios, com seus caminhos, ebós, mitos e significados, conforme ensinamentos escritos por Agenor Miranda Rocha em 1928. (ORG) Reginaldo Prandi.4*.Ed.Rio de Janeiro.Pallas. 2003. p. 173. Fonte pesquisada na lista de signos de odus.

Fig. 1 - MERINDELOGUN – o Jogo de Búzios⁶.



Usamos os pressupostos dos estudos do movimento realizado por Laban, o fato é que esse pesquisador da Dança criteriosamente desenvolveu e sequenciou o conceito e a aplicação da COREOLOGIA, localizando-a como uma das partes integrantes da COREOSOFIA, termo usado por ele para definir o corpo mais abrangente de conhecimento das relações espirituais e Filosóficas do movimento e da Dança (Mota, 2012).

ABORDAGENS DE ELEMENTOS EM DANÇA INTEGRATIVA

Técnica Ampliada na Teoria do Movimento de Rudolf Laban

Fig. 2 - Rudolf Laban⁷.



Eukinética analisa as qualidades dos movimentos como: "o que", no fator peso; "onde", no fator espaço; "quando", fator tempo; e "como", fator fluência e a Corêutica que analisa as dimensões espaciais como: comprimento, amplitude e profundidade; ambas criadas a partir da teoria effort shape que, por sua vez, estudava o ritmo natural de cada pessoa (Souza, 2011). A investigação de Laban estudou que os movimentos corporais que são realizados no dia a dia, incluindo a respiração, o repouso.

⁶ Disponível em: <https://candombleemp Portugal.wordpress.com/merindelogun-jogo-de-buzios-consultas/>

⁷ Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=i&url=http%3A%2F%2Fwww.wikidanca.net%2Fwiki%2Findex.>

Fig. 3 - Vivências de práticas corporais em níveis na Performance em Educação Especial para Dança Integrativa.



Fonte- Souza (2011, p. 159)

A investigação e a metodologia de Laban sempre foi com uma visão a dança e a educação, no entanto outras áreas se apropriaram e beberam dessa fonte riquíssima e de grande potência. O precursor da teoria da dança e responsável pela criação da dança coral, Laban, permite que dançarinos profissionais e pessoas leigas dançam juntas e de maneira colaborativa. Grande parte dos trabalhos desenvolvidos por este autor deslumbrado com o corpo em movimento aborda os elementos que constituem os movimentos e como eles são utilizados, enfocando as razões psíquicas e fisiológicas que levam os seres humanos a se movimentar.

Esquema da prática corporal em Níveis / Deslocamentos / Direção / Dimensões no Salão
ESPAÇO | DIREÇÃO NÍVEIS DESLOCAMENTO DIREÇÃO

Fig. 4 - Performance em Dança Integrativa (Henrique Carioca).



Local: I Am Desing performance de Dança Integrativa, Cambui, SP Brasil (2018).

ESPAÇO: Pode ser a relação entre o corpo e o espaço (ambiente no qual está), o corpo em relação ao seu próprio corpo ou em relação a um outro corpo e o corpo e um outro objeto. **NÍVEIS:** (em relação à altura) alto, médio e baixo - de modo geral são movimentos possíveis do corpo utilizando os espaços acima da cabeça, na altura da cintura ou abaixo dela

TEMPO LENTO | RÁPIDO | ACELERADO | MODERADO

Intensidade de ritmo dos movimentos -velocidade em que são executados determinados movimentos podendo ser lento, moderado, acelerado e o rápido. É uma qualidade bastante subjetiva, pois deve-se sempre ter um parâmetro de comparação para definir o que é rápido e o que é lento, principalmente o moderado e o acelerado perto do rápido.

Fig. 5 e 6 - Performance /Dança Integrativa (Henrique Carioca, 2018).



Local: Castelinho -Paquetá RJ – Por D. João VI - Séc. XIX- Brasil.

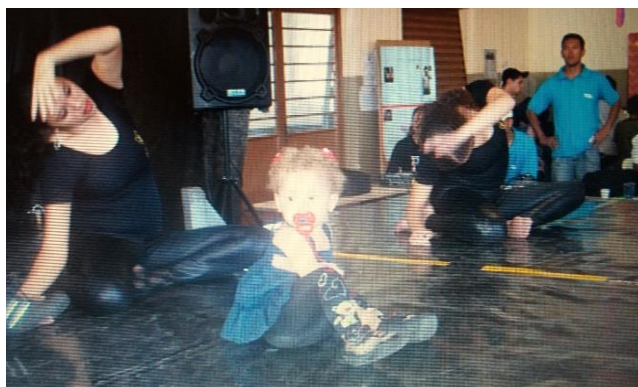
MOVIMENTO CORPORAL

FLUXO | KINESFERA | EIXO | PESO | GIROS | SALTOS | ROLAMENTOS

Peso Leve durante os movimentos em cena espetacular

A cinesfera se mantém constante em relação ao corpo. Se o agente se move, mudando sua posição, ele "leva" consigo sua cinesfera e suas mesmas relações de **espaço (Rengell, 2001)**.

Enquanto isso, o cerebelo e núcleos da base, monitora os movimentos realizados pelos músculos que, por meio de órgãos sensoriais, enviam informações acerca da orientação do corpo no espaço.

Fig. 7 – Performance Dança Integrativa (J. Bueno / L. Souza/ J. Brandão, 2010).

Local: Associação Empresarial Indaiatuba, SP Brasil (2018).

Ao dançar pelas articulações observa-se duas formas de ações corporais básicas definidas por Laban, em variados movimentos que são os de “recolher e expandir”. Recolher e espalhar expressam um constante dentro-fora alcançando todos os eixos, dimensões, planos, níveis e direções espaciais. Recolher é uma ação executada a partir da extremidade do corpo e vai em direção ao centro ou próximo ao mesmo. Espalhar flui do centro do corpo ou próximo ao mesmo para fora ou para a extremidade. O agente pode recolher e espalhar ao mesmo tempo com todo o corpo ou com partes dele, independentemente (Rengel, 2001).

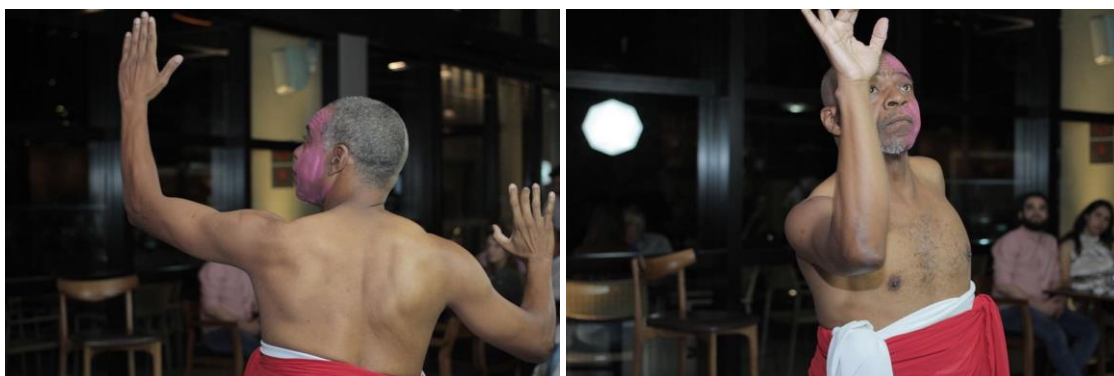
E possível verificar, por exemplo, num movimento com o pé, os arcos recolhendo e o calcanhar espalhando, ou uma ação de recolher do quadril e os braços numa ação de espalhar sentar-se no sofá, levantar-se são realizados tão livremente e a consciência nessa situação para dançarinos e outros profissionais é extremamente potente para externar informações do interno. “No entanto, e preciso uma atitude interna ativa do agente para com eles, de outra forma, o movimento permanece indiscriminado. A partir desta atitude é gerado sucessiva ou simultaneamente, um modo de o movimento acontecer” (Rengel, 2001, p. 14).

O dançarino para interpretar sua “Mitologia Pessoal” em Dança Integrativa, teoricamente pode ser por meio de cálculos oraculares baseado na técnica artística da Etnomatemática. Na prática, o cálculo oracular será a data de nascimento do dançarino intérprete e os achados será o (Odu de nascimento e o Odu de placenta) ambos vai integrar o seu processo criativo de práticas corporais para formular uma composição coreográfica.

Pedagogia do Mapa Vital Oracular III

<p>ODU de nascimento 8 Eji-Onile</p> <p>21 03 1955 = 4+4 = 8</p> <p>03</p> <p>19</p> <p>55</p> <p>.....</p> <p>8 / 1+8 = 9</p> <p>O intérprete entrelaça nos movimentos a gestualidade arquetípica da insegurança do ODU Eji-Onile e a fluência e a Corêutica da Coreosofia</p>	<div style="text-align: center;"> <p>9</p> <p>ODU (5 Oxe) placenta</p> <p>7 — 5 — 8</p> <p>8</p> </div> <p>O Intérprete entrelaça nos movimentos um gesto arquetípico do brilho do ODU OXÊ, com amplitude; comprimento e a profundidade dos movimentos.</p>
--	---

Fig. 8 e 9 - Dança Integrativa (Henrique Carioca).



Local: Local: I Am Desing performance de Dança Integrativa, Cambui, SP Brasil (2018).

Usamos a terminologia de ARQUÉTIPOS para definir o tipo da personalidade do Odu, no entanto outros autores preferem o termo TIPOLOGIA (Verger, 1981) ele chama de tendências de arquétipos da personalidade escondidas porque, há certas tendências inatas que não podem estimular livremente dentro de cada um, no decorrer de sua existência. A Educação recebida e as experiências vivenciadas particularmente, muitas vezes despercebidas são as fontes seguras de sentimentos de frustração e de complexos, bloqueios e dificuldades (Verger, 1981). A segunda terminologia defende a utilização o termo tipologia para conceituar as características de personalidade referente ao Orixá. Para este autor esse constructo analítico, JUNG foi o criador de um enquadramento tipológico para definir diferenças e afinidades na modelagem cognitivas das pessoas (Zacharias, 1988).

Sendo assim, a Arte/Religião encontram-se imbricadas e se entrelaçam em ações com outrem, entendemos que a Arte é potente na investigação com um olhar e pressuposto metodológicos de acordo com a sua epistemologia dentro da religião neste caso propomos ao dançarino intérprete entrar no mundo da Filosofia de Mitologia dos Orixás. Apropriar-se do arquétipo dos Orixás e ou tipologia de JUNG, é buscar a terapêutica psicológica por meio de Dança Integrativa como intervenção e ou potencializar a dimensão de exteriorização e internacionalização da performer, visando os espetáculos. A Religião já vimos, que nada pode fazer sem o jogo de Búzios e todo cuidado é tomado passo a passo de acordo com cada consulente e ou filho de santo e a sua Mitologia “o enriquecimento das mentes através dos sentimentos e da subjetividade, da memória baseada em imagens, e da capacidade de ordenar as imagens em narrativa” (Damásio, 2019, p. 108).

A cura das doenças na visão afroperspectivista das religiões africana envolve a ação dos dois mundos: material e imaterial, visível e invisível. Nada ocorre nessa tradição religiosa sem a interação desses dois mundos. Muitas vezes um desequilíbrio físico mental é provocado por uma baixa imunidade espiritual e vice-versa “em linguagem muito simples: os cérebros e os corpos são ingredientes da mesma sopa que permite a mente” (Damásio, 2019, p. 326).

Nesse aspecto a sabedoria dos terreiros e as suas práticas terapêuticas são cruciais para lidar com o sofrimento das pessoas e o restabelecimento da saúde. Os modelos de intervenção nos terreiros, como já vimos anteriormente, incluem atenção e cuidado no atendimento. Faz parte do processo terapêutico a escuta do consulente, um modelo que certamente poderia inspirar políticas públicas de saúde e que está de acordo com o que é preconizado pela Organização Mundial de Saúde de acordo com (Garcia, 2016).

No processo criativo em performance de Dança Integrativa beberemos poeticamente nas funções propostas por Cambell, a mística, dimensão cosmológica, sociológica e a pedagógica como vimos no início desse ensaio. E consideramos investigar corporalmente os arquétipos de Odus e a tipologia dos Orixás. como define e vamos sintetizar neste ensaio.

O caminho da humanidade de categorizar as coisas que estão ao nosso redor levou a Antiguidade a conceber padrões dos diferentes tipos humanos para, dessa forma, conseguir compreender e presumir os diversos sistemas de comportamento. Em 1920, o

psiquiatra suíço Carl Jung desenvolveu um Sistema de tipologia humana que adequa a questão da categorização e as exigências da ciência moderna (Zacharias, 2006).

Ao falar de matemática ligada a formas culturais distintas, chegamos a definição de Etnomatemática inferindo uma concepção muito alargada do etno e da matemática. Pretendemos refletir algo muito mais que uma comparação de etnias, ETNO se refere a grupos culturais identificáveis, e como por exemplo sociedades nacionais- tribais, grupos sindicais e profissionais, crianças de uma certa faixa etária etc. -, e inclui memória cultural, códigos, símbolos, mitos e até a especificidade de refletir e mensurar (D'ambrósio, 1988).

Necessitamos de uma Pedagogia da Esperança e o nosso corpo é o veículo de nossos ancestrais e antepassados para reclamar os momentos ruins de escravidão e na medida em que é no território corporal que se vive a colonialidade e é, a partir das forças do corpo enquanto resiliência e reviravolta, que se atira ações decoloniais. Assim, as ações decoloniais miram a desestabilização dos sistemas globalizado de poder herdados pelo colonialismo e operado até os dias de hoje (Rufino, 2016) “A experiência interior, a autoimagem, os processos emocionais são conceitos vividos e expressados com o corpo, com as emoções presentes no corpo” (Almeida, 2009, p. 105).

A Arte e Religião surge para somar as energias psíquicas vividas pelos nossos ancestrais e antepassados. E, ao sentir e vivenciar no corpo e principalmente na psique, é a onde segundo a literatura o corpo desvela. Acreditamos que numa visão de saúde e de cuidado com o outro ou consigo próprio tenha a capacidade de buscar o movimento explorando o teu espaço interno e o externo mesmo dentro de teu cérebro, ver e sentir o que o teu corpo seja capaz de fazer durante esse processo criativo para uma performance em Dança Integrativa, é essencial buscar questionamentos. Essência destino ou ancestralidade? sente e não sabe o que é! O corpo precisa despir, para um novo olhar e transcender? E assim, através de seus Odus de nascimento e o de placenta é um caminho, é uma célula e começa a procurar em sua volta, a cinesfera vai acompanhar o teu corpo, para transcender. Busque na Mitologia africana, Campbell, alerta que você não vai resolver suas questões do presente e nem do passado se não olhar e não descobrir teus Mitos pessoais, para sua transdisciplinaridade no futuro.

A lenda de Oxalá

por Reginaldo Prandi⁸

Quando Oxalá acordou, não encontrou mais o saco da criação. Despeitado, procurou Olodumaré, que por sua vez proibiu, como castigo a Oxalá e toda sua família, de beber vinho de palma e de usar azeite de dendê. Mas como consolo lhe deu a tarefa de modelar no barro o corpo dos seres humanos nos quais ele, Olodumaré insuflaria a vida.

OXALÁ Um dia Oxalufam, que vivia com seu filho Oxaguiam, velho e curvado por sua idade avançada, resolveu viajar a Oyó em visita a Xangô, seu outro filho. Foi consultar um babalaô para saber acerca da viagem. O adivinho recomendou-lhe não seguir viagem. Ela seria desastrosa e acabaria mal.

Mesmo assim, Oxalufam, por teimosia, resolveu não renunciar à sua decisão. O adivinho aconselhou-o então a levar consigo três panos brancos, limo-da-costa e sabão-da-costa, assim como a aceitar e fazer tudo que lhe pedissem no caminho e não reclamar de nada, acontecesse o que acontecesse.

Seria uma forma de não perder a vida. Em sua caminhada, Oxalufam encontrou Exú três vezes. Três vezes Exú solicitou ajuda ao velho rei para carregar seu fardo, que acabava derrubando em cima de Oxalufam. Três vezes Oxalufam ajudou Exú, carregando seus fardos imundos. E por três vezes Exu fez Oxalufam sujar-se de azeite de dendê, de carvão, de caroço de dendê. Três vezes Oxalufam ajudou Exu. Três vezes suportou calado as armadilhas de Exu.

Três vezes foi Oxalufam ao rio mais próximo lavar-se e trocar suas vestes. Finalmente chegou a Oyó. Na entrada da cidade viu um cavalo perdido, que ele reconheceu como o cavalo que havia presenteado a Xangô. Tentou amansar o animal para amarrá-lo e devolvê-lo ao filho. Mas neste momento chegaram alguns súditos do rei à procura do animal perdido. Viram Oxalufam como cavalo e pensaram tratar-se do ladrão do animal. Mal trataram e prenderam Oxalufam.

⁸ Reginaldo Prandi é Professor Emérito da Universidade de São Paulo. Graduado em ciências sociais pela Fundação Santo André (1970), obteve pela Universidade de São Paulo o título de especialista em demografia (1971) e, na área de sociologia, os de mestre (1974), doutor (1977), livre-docente (1989) e professor titular (1993).

Ele, sempre calado, deixou-se levar prisioneiro. Mas, por estar um inocente no cárcere, em terras do Senhor da Justiça, Oyó viveu por longos sete anos amais profunda seca. As mulheres tornaram-se estéreis e muitas doenças assolaram o reino. Xangô desesperado, procurou um babalaô que consultou Ifá, descobrindo que um velho sofria injustamente como prisioneiro, pagando por um crime que não cometera. Xangô correu para a prisão.

Para seu espanto, o velho prisioneiro era Oxalufam. Xangô ordenou que trouxessem água do rio para lavar o rei. Orei de Oyó mandou seus súditos vestirem-se de branco. E que todos permanecessem em silêncio. Pois era preciso, respeitosamente, pedir perdão a Oxalufam. Xangô vestiu-se também de branco e nas suas costas carregou o velho rei. E o levou para as festas em sua homenagem e todo o povo saudava Oxalá e todo o povo saudava Xangô. Depois Oxalufam voltou para casa e Oxaguiam ofereceu um grande banquete em celebração pelo retorno do pai.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, L. H. H. (2009). A psicologia Junguiana e corpo no processo de individuação. In E. Zimmermann (Org.), *Corpo e Individuação*. Petrópolis: Vozes.
- Barcellos, C. M. (2002). *Os Orixás e o segredo da Vida: Lógica Mitologia e Ecologia*. Rio de Janeiro: Pallas Editora.
- Barcellos, C. M. (2007). *Os orixás e a Personalidade humana: Quem somos? Como somos?* Rio de Janeiro: Pallas Editora.
- Bastide, R. (1971). *As Religiões Africanas no Brasil: Contribuição a uma Sociologia das interpenetrações de civilizações*. São Paulo: Livraria Pioneira.
- Campbell, J. (1990). *O poder do mito / Joseph Campbell, com Bill Moyers*. São Paulo: Palas Athena.
- Damásio, A. (2019). *A estranha ordem das coisas: a vida, os sentimentos e as culturas humanas*. Lisboa: Temas e Debates.
- D'Ambrosio, U. (1990). *Etnomatemática. Arte e técnica de conhecer e explicar*. São Paulo: Editora Ática.

D'Ambrosio, U. (2011). *Educação para uma Sociedade em Transição*. Natal: Editora da UFRG

D'Ambrosio, U. (2009). *Transdisciplinaridade*. São Paulo: Editora Palas.

Giannetti, E. (2018). *Elogio do vira-lata e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das letras.

Gomberg, E. (2011). *Hospital de Orixás: encontros terapêuticos em um terreiro de candomblé*. Salvador: EDUFBA.

Laban, R.V. (1990). *Dança Educativa*. São Paulo: Summus.

Laban, R. V. (1978). *Domínio do Movimento*. São Paulo: Summus.

Mbembe, A. (2019). *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Petrópolis: Vozes.

Mota, J. (2012). Rudolf Laban a coreologia e os estudos coreológicos. *Repertório*, 18, 58-70.

Moraes, M. C.(2008). *Transdisciplinaridade e educação*. São Paulo: Antakarana/PróLibera.

Nascimento, E. L. (1994). *Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Seafro.

Nogueira, R. (2012). Denegrindo a educação: Um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. *Resafe*, 18, 62-73.

Prandi, R. (1996a). *Herdeiras do axé: Sociologia das religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Hucitec.

Prandi, R. (2015). *A Lenda de Oxala*. Disponível em <https://encenasaudemental.com/personagens/oxala-e-o-simbolo-da-criacao/>

Rocha, A. M.(2003). *Caminhos de Odu: os Odus do jogo do jogo de búzios, com seus caminhos, ebós, mitos e significados, conforme ensinamentos*. Rio de Janeiro: Editora Pallas.

Rufino, L. (2016). Performances Afro-diaspóricas e decolonialidade: O saber corporal a partir Exu e suas encruzilhadas. *Revista Antropolítica*, 40, 54-80. doi: 10.22409/antropolitica2016.1i40.a451

Rengel, L. P., Oliveira, E., Gonçalves, C. C. S., Lucena, A., & Santos, J. F. (2017). *Elementos no Movimento na Dança*. Salvador: UFBA.

Santos, J. E. (1986). *Os Nagôs e a morte: Pàdè, àsèsè e o culto égun na Bahia*. Petrópolis: Vozes.

Silva, M. J. L. (1994). Racismo, ideologia e Educação. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, 18, 93 - 99,

Souza, J. H. (2011). A arte da dança de salão e seus aspectos terapêuticos: Um estudo de caso no Instituto de Educação para a vida, Monte Mor / SP/Brasil. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Brasil.

Souza, J. H. (2013). Educação e diálogos do corpo na interface: neuroeducação e a prática de Dança de Salão: IN Memorial Paulo Freire: Diálogo com a Educação. Vol. 1. Campinas-SP/Brasil.

Silveira, H. (2014). Tradições de matriz africana e saúde: o cuidar nos terreiros. *Identidade!*, 19(2), 75-88.

Verger, P. (1981/2002). *Noção de pessoa e linhagem familiar entre os Youruba*. São Paulo: Editora Axis Mundi.

Zimmermann, E. B. (2009). *Individuação em contato com o corpo simbólico*. Petrópolis: Vozes.

Zacharias, J. J. M. (1988). *Ori Axé, a dimensão arquetípica dos orixás*. São Paulo: Vetor.

Zacharias, J. J. M. (2006). *Tipos: a diversidade humana*. São Paulo: Vetor.